

A Entrevista da semana

Antonio Ferro fala-nos da sua peça
«Mar alto» e diz-nos o que pensa
do teatro de hoje

Os velhos barafustam; os academicos bradam indignados; os jovens improductivos, que vivem nos Cafés, fitando a vida através os cristaes sujos das janelas, como peixes coloridos d'agua doce encarcerados no *aquarium* do Chalet das Canas, sorriem com ironica superioridade; — e Antonio Ferro, sem barafustar, sem se indignar, lá vae seguindo em linha recta sobre o plano traçado da sua obra como um equilibrista sobre o arame — e não ha gritos que o amedrontem nem vertingens que o desequilibrem. E, a final, tudo está no seu lugar; todos cumprem o seu dever: dum lado os que defendem a sua invalidez, os que disfarçam em critica a sua impotencia; — e do outro, Antonio Ferro, convicto do seu proprio valor, seguro da sua obra e da sua victoria.

Ser habilidoso, talentoso, genio mesmo sobre os alicerces que os outros, através de seculos, foram construindo, é duma relativa facilidade. E' como ser engenheiro, tirando o curso em Liège e aproveitando a sciencia acumulada pelos tempos, ou ser um bom alfaiate applicando aos figurinos desenhados em Londres a sabedoria sorvida no *Manual do perfeito «tailleur»*... O difficil, o que exige reservas inexgotaveis de energia, de sangue-frio e de fé, é montar, ao lado da Torre Eiffel, um pequeno tapume e declarar á multidão:

— Eu, sem auxilio de ninguem, sem aproveitar nenhum recurso da engenharia, vou fazer uma torre mais alta do que essa e diferente de todas que se teem visto até hoje.»

Inevitavelmente, os engenheiros negarão todas as possibilidades, rirão do intruso, combatel-o-hão declarando-o louco charlatanesco e a massa, emprenhada pelos ouvidos, tentará amachucal-o á pedrada... E o intruso lá vae realisando o seu plano, certo de que a unica resposta e o unico argumento que pode empregar é a conclusão da obra prometida. E realisa-a. E os que riram empalidecem e recuam blasfemando ; a multidão, suggestionada pela obra, é obrigada a crer n'aquelle que a fez. E os curiosos tentarão descobrir os segredos da nova engenharia. E as gerações futuras, desprezando as teorias anteriores, basear-se-hão exclusivamente, contraidamente, nas teorias do intruso...

Antonio Ferro é — ele mesmo o confessa — um ourives de frases. Ourives ? Não sei... Chama-se juliodantescamente *ourives* aos que aqui, alem, com prosa comum arramalheta palavras em imagens mais ou menos rutilantes. Mas a prosa de Antonio Ferro é toda ela frases. Seguem-se, coladas umas ás outras, com brilhos independentes, em arco-iris, em confettis, em mil bandeirinhas de todos os estados de beleza ; kimono excentrico e rico de bordados ; fogo japonez de dados de tons todos diferentes, evocando cada um quadro, uma existencia, um mundo... Especialista da frase, ele conseguiu, na sua manufactura, uma perfeição de mestre : as frases de Ferro possuem elasticidades de cautchouc e, ao mesmo tempo, teem o recorte grafico de cartões feitos a canivete...

O *Mar alto*, sua primeira tentativa de teatro, perturbou o publico brasileiro, agitou a critica, elevou-o mais ainda no conceito de grande cultor da arte de escrever.

O *Mar alto* tinha o dever de se apresentar ao publico portuguez. Ele aparece já por ahi, pronunciado nos cartazes. A *Revista Portuguesa* tinha, pois, o dever tambem de ouvir Antonio Ferro.

Não sei se os senhores conhecem Antonio Ferro. Em todo o caso é preciso fazer-lhe o retrato. E como não temos reporter-fotografico na redação, fotografal-o-hei eu mesmo, mediante a confissão de que sou um amator, e de que não respondo pela nitidez do *cliché*...

Antonio Ferro é o homem que sorri sempre — com um

sorriso que lhe torce a boca num rictus estranho e que parece dizer: — «Pois sim! Falem para ahí!» Moreno como um arabe, os seus olhos pequenos, mas muito negros, gastam metade da sua luz na contemplação para o interior e outra metade para o exterior, como se, ao mesmo tempo que estivessem aprendendo a vida — se atarefassem na fabricação de frases, no laboratorio do seu cerebro... Era magro, antes de partir para o Brasil. Vem agora gordo, como um bonzo europeizado, bonzo ultra-moderno, um bonzo digno da sua obra...

— O que pensa do teatro? Como crê que deve ser o teatro de hoje? — perguntámos-lhe, folheando o *Manual do perfeito entrevistador*...

— O teatro — responde Ferro — tende para uma grande simplificação de processos. Quer na ação, quer no dialogo, quer no scenario, o teatro de hoje apenas se deve preocupar com as grandes linhas e desdenhar quaesquer ramificações. Todos esses accessorios do velho teatro, todos esses dramas minimos postos á margem do drama principal, apenas revelam a impotencia dos dramaturgos e o receio de que o seu caso, o caso que eles dramatisam, não tenha interesse bastante para dominar a plateia. Ibsen, em primeiro logar, Bernstein algumas vezes e, sobretudo, Currel, contribuíram muito para o triunfo do teatro moderno, do teatro-sintese, do teatro das palavras indispensaveis. Para o teatro do scenario indispensavel e rigoroso, contribuiu muito Copeau, no seu *Vieux-Colombier*, esse *Vieux-Colombier* que eu sonho ver reproduzido em Portugal, que eu conto ver reproduzido...

Mar alto tem a vaidade de se supôr a mais completa tentativa de teatro-sintese, em Portugal. A peça tem apenas tres personagens, tem apenas uma direção e tem apenas, como moldura, um scenario minimo e certo. Ha quem acuse *Mar alto* de ser uma peça imoral. Não é. *Mar alto* é apenas uma peça imoral para os famlliares da imoralidade, para todos aqueles que se miram nas suas aguas, como um espelho... Para os outros, para todos aqueles que sabem distinguir a forma do conteudo, *Mar alto* é um castigo, um remorso vivo, um grito de consciencia...

— E a interpretação?

— Nesse ponto não podia ser mais feliz. Encontrei Lucilia Simões para interpretar a minha heroína. Lucilia representa *Mar alto* como uma onda, como uma onda viva, rugidora e forte. Estou tranquilo também porque Erico Braga acompanha Lucilia no seu vôo triunfal, porque Erico Braga é um grande actor em toda a peça. Mario Santós que tomou conta dum dos papeis, no Rio, desempenhou-se, com muito brilho, da sua tarefa.

— E como receberam a sua peça no Brasil?

— Quer queiram, quer não, ela constituiu, no Brasil, um grande éxito, um éxito de que eu trago inumeros documentos, documentos que hei de lançar a publico para que alguns caíam nas mãos de certos escribas que, no processo das reticencias, duvidaram desse éxito. Tanto em S. Paulo como no Rio, eu fui aclamado com calor e entusiasmo, em todos os finais dos actos, verdade que pode ser testemunhada por algumas pessoas que assistiram ás representações e que se encontram em Lisboa. Para reproduzir essas referencias não chegaria a *Revista Portuguesa*...

— E qual é a sua impressão sobre a fórma como a peça será recebida pelo nosso publico?

— E' difficil prever. Seja como fôr — continuarei a acreditar na minha obra e não dispenso o direito de a defender. O *Mar alto* ha de acompanhar-me toda a vida. E se é possível que, neste momento, ele dê nma vazante, é possível também que um dia tome conta da scena...»

.....

Ouviram-o? E então? Tínhamos ou não razão naquilo que aventurámos no nosso preambulo? Se nós conhecemos Antonio Ferro... Ora se o conhecemos...

Reynaldo Ferreira.

A "Revista Portuguesa" publicará, no próximo numero, a secção de Alvaro Maia REVISTA DAS REVISTAS.